



Poemas dos períodos Literários

Período literário: Parnasianismo.

NEL MEZZO DEL CAMIN... Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada E triste, e triste e fatigado eu vinha. Tinhas a alma de sonhos povoada, E a alma de sonhos povoada eu tinha... E paramos de súbito na estrada Da vida: longos anos, presa à minha A tua mão, a vista deslumbrada Tive da luz que teu olhar continha. Hoje, segues de novo... Na partida Nem o pranto os teus olhos umedece, Nem te comove a dor da despedida. E eu, solitário, volto a face, e tremo, Vendo o teu vulto que desaparece Na extrema curva do caminho extremo. (Poesias, Sarças de fogo, 1888.)

Autor:Olavo Bilac

Alternar entre páginas

1/15

Página Anterior

Próxima página

Período literário: Quinhentismo

Jesus na manjedoura - Que fazeis, menino Deus,
Nestas palhas encostado? - Jazo aqui por teu pecado.
- Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza,
Como estais em tal pobreza? - Por fazer-te glorioso E
de graça mui colmado, Jazo aqui por teu pecado. -
Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino,
Que vos fez tão pequenino? - O amor me deu este véu,
Em que jazo embrulhado, Por despir-te do pecado. - Ó
menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem
vos fez de tal idade? - Por querer-te todo o bem E te
dar eterno estado, Tal me fez o teu pecado.

Poemas de Pe. José de Anchieta.

Período literário: Barroco.

A Jesus Cristo Nosso Senhor Pequei, Senhor, mas não
porque hei pecado, Da vossa alta clemência me
despido; Porque, quanto mais tenho delinqüido, Vós
tenho a perdoar mais empenhado. Se basta a vos irar
tanto pecado, A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido, Vos tem
para o perdão lisonjeado. Se uma ovelha perdida e já
cobrada Glória tal e prazer tão repentino Vos deu,
como afirmais na Sacra História, Eu sou, Senhor, a
ovelha desgarrada, Cobrai-a; e não queirais, Pastor
Divino, Perder na vossa ovelha a vossa glória

Poemas de Gregório Matos

Período literário:Arcadismo

Nada se Pode Comparar Contigo Du bocage O ledo
passarinho, que gorjeia Dalma exprimindo a cândida
ternura; O rio transparente, que murmura, E por
entre pedrinhas serpenteia; O Sol, que o céu diáfano
passeia, A Lua, que lhe deve a formosura, O sorriso da
Aurora, alegre e pura, A rosa, que entre os Zéfiros
ondeia; A serena, amorosa Primavera, O doce autor
das glórias que consigo, A Deusa das paixões e de
Citera; Quanto digo, meu bem, quanto não digo, Tudo
em tua presença degenera. Nada se pode comparar
contigo.

Poema de Manoel Maria du Bocage .

Período Literário: Romantismo.

Soneto do amor total Amo-te tanto, meu amor... não
cante O humano coração com mais verdade... Amo-te
como amigo e como amante Numa sempre diversa
realidade Amo-te afim, de um calmo amor prestante,
E te amo além, presente na saudade. Amo-te, enfim,
com grande liberdade Dentro da eternidade e a cada
instante. Amo-te como um bicho, simplesmente, De
um amor sem mistério e sem virtude Com um desejo
maciço e permanente. E de te amar assim muito e
amiúde, É que um dia em teu corpo de repente Hei de
morrer de amar mais do que pude.

Poema de Vinicius de Moraes.

Período literário: Simbolismo

Hão de Chorar por Ela os Cinamomos...

Hão de chorar por ela os cinamomos, Murchando as flores ao tombar do dia. Dos laranjais hão de cair os pomos, Lembrando-se daquela que os colhia. As estrelas dirão — "Ai! nada somos, Pois ela se morreu silente e fria.. ." E pondo os olhos nela como pomos, Hão de chorar a irmã que lhes sorria. A lua, que lhe foi mãe carinhosa, Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la Entre lírios e pétalas de rosa. Os meus sonhos de amor serão defuntos... E os arcanjos dirão no azul ao vê-la, Pensando em mim: — "Por que não vieram juntos?"

Poema de Alphonsus de Guimaraens.

Período Literário: Pre-Modernismo.

Canto de regresso à pátria Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar Os passarinhos daqui Não cantam
como os de lá Minha terra tem mais rosas E quase
que mais amores Minha terra tem mais ouro Minha
terra tem mais terra Ouro terra amor e rosas Eu
quero tudo de lá Não permita Deus que eu morra Sem
que volte para lá Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo Sem que veja a Rua 15 E
o progresso de São Paulo.

Poema de Oswaldo de Andrade.

Período literário: Modernismo

DESENCANTO

Eu faço versos como quem chora De desalento... de desencanto... Fecha o meu livro, se por agora Não tens motivo nenhum de pranto. Meu verso é sangue.

Volúpia ardente... Tristeza esparsa... remorso vão...

Dói-me nas veias. Amargo e quente, Cai, gota a gota, do coração. E nestes versos de angústia rouca Assim dos lábios a vida corre, Deixando um acre sabor na

boca. - Eu faço versos como quem morre.

Poemas de MANUEL BANDEIRA .

Período literário: Parnasianismo.

OUVIR ESTRELAS

"Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo Perdeste o senso!"
E eu vos direi, no entanto, Que, para ouvi-las, muita
vez desperto E abro as janelas, pálido de espanto... E
conversamos toda a noite, enquanto A via-láctea,
como um pálio aberto, Cintila. E, ao vir do sol,
saudoso e em pranto, Inda as procuro pelo céu
deserto. Dizeis agora: "Tresloucado amigo! Que
conversas com elas? Que sentido Tem o que dizem,
quando estão contigo?" E eu vos direi: "Amai para
entendê-las! Pois só quem ama pode ter ouvido Capaz
de ouvir e de entender estrelas." (Poesias, Via-Láctea,
1888.)

poema de Olavo Bilac.

